

a primeira prensa

Devemos partilhar esta história ou deixá-la só para nós? Faz parte duma história mais ampla, que é a do país. E, embora os heróis sejam os nossos, se calhar são retrato de outros casos ou, também, exemplo do que poderiam ter sido alguns outros. E, por isso, decidimos partilhar. Porque uma organização não são só regras, procedimentos, produtos – mas um lugar onde trabalham pessoas, com expectativas, limitações, grandezas, tristezas e alegrias. Onde há vidas humanas que não esquecem que aqui são profissionais, mas onde os profissionais são sensíveis às vidas humanas.

“HÁ 30 ANOS NÃO HAVIA GRUAS COMO HOJE, MAS A PRENSA, QUE PESAVA 100 TONELADAS, CHEGOU E FOI MONTADA...

...TUDO GRAÇAS AO ESPÍRITO FORTE E AO ENGENHO DE GRANDES HOMENS”



A **Extrusal** – Companhia Portuguesa de Extrusão, Sociedade Anónima, sediada em Aveiro, comemora este ano 30 anos de existência e 28 de laboração, estando pois estabelecida desde 1972.

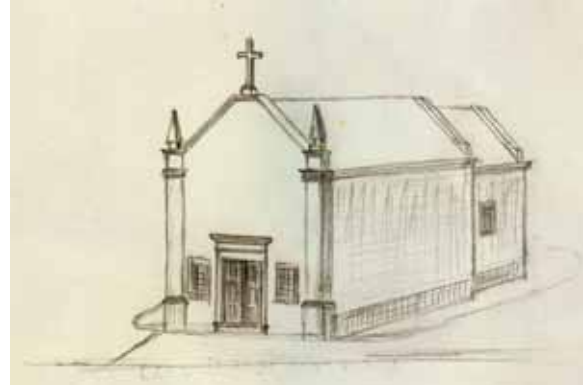
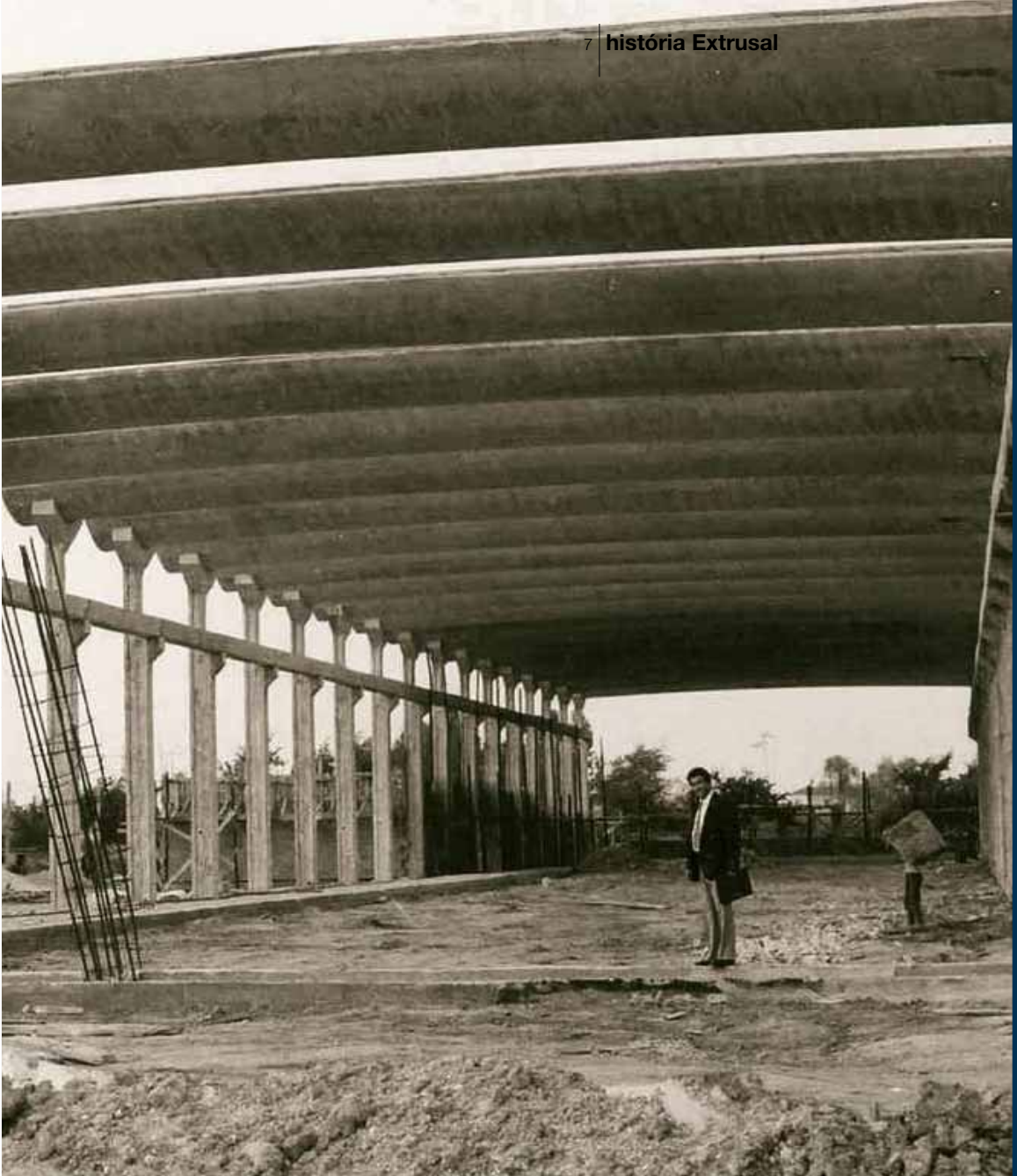
Tendo o Projecto sido elaborado pelo Eng. Carlos Lourenço Boia, seu Presidente Executivo, este nasceu de uma necessidade pessoalmente sentida da não produção em Portugal de perfis de alumínio por extrusão principalmente destinados à construção civil.

Com efeito, o projecto era ambicioso, financeiramente avultado para a época e verdadeiramente arrojado em termos industriais; o País tinha acabado de se libertar da sua Lei retrógrada do Condicionamento Industrial; foi necessário promover o projecto junto dos investidores convidados, arranjar um parceiro com mais conhecimento da especificidade da indústria de extrusão, e escolher o local apropriado com possibilidade de expansão, e esse foi desde logo o lugar de Moirinhos – Aradas – Aveiro; depois de arroteados os terrenos que envolviam uma Capela do século XVII denominada de S.Gonçalo, que a Companhia entretanto restaurou, (fotos) começaram a chegar as primeiras máquinas, prensa e fornos e a admitir-se os primeiros trabalhadores preferencialmente oriundos das muito mal extintas Escolas Industriais e Comerciais, que, com um espírito de sacrifício e por acreditarem também no seu Mentor, aceitaram obter formação apropriada junto do parceiro estrangeiro; depois foi o arranque da laboração, o normal desenvolvimento do projecto conforme o planeado, a expectativa de toda a liberdade individual e colectiva criada pela Revolução de 25 de Abril; por tudo se passaram nos tempos iniciais, tendo os problemas sido ultrapassados com muito profissionalismo, prudência e competência, serenidade, seriedade e zelo, predicados de que muito nos congratulamos, e que constituem a cultura da nossa Empresa.

Dessa época memórias há que muito comovem os que hoje delas falam. E que deixam os mais novos, desejosos de conhecer como se foi construindo tudo isto, entre a incredulidade e a admiração, ao ouvirem como era diferente a realidade de há apenas 30 anos, e como os nossos pioneiros venceram as dificuldades, que foram de todos os tipos. Que heróis !!!

À ideia, estudo e iniciativas várias do Eng. Boia juntou-se, passado algum tempo e porque a Extrusal tinha de ter a escrita em dia, a grande experiência na área da contabilidade do Sr. José da Silva, tendo ambos iniciado a sua actividade na Extrusal num pequeno escritório no 2º andar do nº 83 da Avenida Dr. Lourenço Peixinho, em Aveiro. Onde os dois faziam quase tudo, porque





Sabiam muito mas pouco de extrusão, por isso foram, os cinco técnicos de mais ou menos 26 anos, para Valladolid, aprender, buscar os conhecimentos específicos necessários a um sólido arranque e desenvolvimento desta ideia industrial. Com algum sacrifício, claro, ainda mais que o Sr. Alegria tinha praticamente acabado de casar, em Janeiro, e o Sr. Rocha deixava noiva!

Sob o sol cada vez mais de Verão da meseta castelhana, um calor que as memórias guardam como abrasador, quase insuportável para estes homens habituados ao clima ameno do litoral aveirense, os cinco passaram três meses em formação intensiva em sala e no meio das prensas. Durante as manhãs, o Sr. Plaza debitava, com toda a sua energia e saber, conhecimentos de hidráulica e electricidade num castelhano rápido nem sempre fácil de acompanhar e assimilar, mas que impressionou estes profissionais já experientes, que muito puderam ainda aprender. Outros estudavam mais desenho, projecto de matrizes,... De tarde as aulas práticas, o acompanhamento da produção, dos pequenos truques, do ultrapassar de dificuldades práticas... E à noite... Eram novos, mas estavam ali para trabalhar!!! E no dia seguinte tinham de estar acordados (às vezes com muito esforço) e atentos, por isso... noites nem por isso!

No início moraram num bom hotel, o Afonso III – mas era bom de mais, não podiam descontraír, tinham de se vestir de fato e gravata para jantar, etc – não dava! Preferiram o conforto mais descontraído de um *hostal* asseado de cujo proprietário, que era uma jóia de pessoa, se tornaram bons amigos. Algumas *bodegas* (não muitas, nem pensar), muitos conhecimentos técnicos e amizades para a vida depois, num tempo em que a peseta valia 0\$40 (!), voltaram...

Encontraram o primeiro edifício em construção, com fundações a ser feitas e colunas a ser postas de pé! Em Setembro de 1973. A primeira máquina a chegar foi uma prensa de sucata que está hoje nessa Nave 1, junto à pista da Prensa 1700; veio de Zaragoza e na altura foi colocada na Capela, que não havia ainda tecto na nave em construção. Dois tornos, uma mandriladora e um serrote mecânico vieram logo a seguir, directamente do Cais do Paraíso, da oficina do pai do Eng^o Bóia. Aos poucos iam chegando os meios necessários de apoio à produção das matrizes e retoques, à manutenção, à extrusão – mas a grande estrela era a tão esperada primeira prensa...

não havia secretária. Só houve, depois de algumas contrariedades iniciais que muito marcaram e de que um dia se fará história, o dinheiro dos sócios - porque ainda não se fabricava, nem vendia, nem cobrava... Mais tarde, o financiamento da banca – que na altura não havia subsídios do Estado e a banca desempenhava um papel regulador importante, analisando e seleccionando projectos viáveis e inovadores!...

Depois foi a procura e aquisição do terreno, de cerca de 74000 m² mas pertença de muitos herdeiros, muitos emigrados, de difícil localização, que foi preciso encontrar e convencer a vender, com perseverança, paciência e empenho! Quantas dores de cabeça para o Eng. Boia, e quantos dias e noites foram necessários!

Os primeiros colaboradores vieram daqui e dali, cuidadosamente escolhidos. O Sr. Alegria, formado pela Escola Industrial na especialidade de electricidade, vizinho dum vizinho do escritório da avenida, vindo da tropa no Ultramar; o Sr. Roque, da especialidade de mecânica, com uma grande experiência em máquinas de navios; o Sr. Rocha também de mecânica, especializado em desenhos técnicos; o saudoso Sr. Madail, que tanto marcou a todos na empresa até nos ter deixado há já três anos tão de repente e tão inesperadamente, e o Sr. Moreira Dias. Conheceram-se num dia de 1973, quando o Eng. Boia reuniu todos os 7 num jantar no célebre restaurante Galo D'Ouro. Até hoje quase todos permanecem na Extrusal, da qual foram verdadeiros alicerces e à qual dedicaram uma parte importante das suas vidas.



Chegou num dia de Inverno de 1973, vinda de Hamburgo por mar, e todos foram ansiosamente vê-la. O enorme barco, o primeiro do género a entrar no Porto de Aveiro, chegou ao porto industrial e, na mudança de maré da preia-mar, colocou-se de proa para o cais, ficando atravessado no canal do Espinheiro, aquele que vai da antiga lota de Aveiro até ao canal dos bacalhoeiros. Encostou e nele entrou um imponente *trailer* de 52 rodas, para debaixo da prensa que havia entretanto sido elevada com a ajuda de macacos hidráulicos e calços de madeira! Quase 2 horas depois, a prensa estava no camião e este lá saiu vagorosamente do barco, talvez sentindo o peso da responsabilidade...

Chegado à Extrusal é que foi o “Xico dos Pipos”, como alguém dizia ...

O piso, que ainda estava a ser acabado de cimentar no dia em que a prensa chegou, teve de ser rapidamente acabado, e foi preciso pôr secante! Logo à entrada da nave ainda sem paredes o *trailer*, na marcha atrás, bateu numa coluna, deixando uma mozza que ainda hoje lá está. Previu-se de imediato que o trabalho que a todos esperava não ia ser “pera doce”. E não foi!

A descarga, da responsabilidade da empresa do *trailer*, fez-se com macacos hidráulicos e um esforço tremendo, mas com uma relativa rapidez. Mas as peças foram postas no meio da nave, e era preciso colocá-las no sítio. Como ?

Não havia ponte, nem gruas que cá viessem. O Eng. Boia contratou uma grua para vir de Espanha, mas não foi autorizada a passar a fronteira – teve de ser paga, claro, mas não pode ser usada! E o bloco principal da prensa pesava 100 ton, e o tanque de óleo, que tinha de ser colocado por cima, 60 ton!! Como se iria fazer? Macacos hidráulicos e barrotes, claro, não havia alternativa! Com jeito, e muita, muita paciência, lá a iam trazendo para a frente, 1 metro por dia, muitos metros, muitos dias. Num belo dia desta árdua tarefa o alemão entretanto chegado para a montagem e iniciação da produção desesperou e queria puxá-la com o seu carocha azul claro...

O alemão tinha chegado uns dias antes, sozinho, no tal carocha, o FÓBÉ (de VW). Ninguém percebeu como é que tinha dado com o caminho – não havia o IP5, naquele tempo, claro está! E falava alemão como se toda a gente o entendesse! Era um castiço, muito alegre e sem etiquetas, e veio para trabalhar, o Louis Harris, – o pior era mover a prensa. Claro que o homem desesperou ...



Passados quase trinta anos, a renovação de parte do equipamento associado à primeira prensa foi bem mais fácil...

A lateralização da prensa fez-se a seguir, com a ajuda de 2 vigas de aço, e avançou um pouco mais depressa. Mas depois foi preciso elevá-la e ao tanque do óleo. Eram precisos calços para o tanque e calços para os macacos hidráulicos, que eram quatro ... e um enorme equilíbrio dos toros de madeira, para não cair tudo.

Hoje, não se respeitariam as normas de segurança e era impossível trabalhar assim; naquela época ou se fazia assim ou não se fazia! Pelo meio, ainda tinham que se encher os macacos, com óleo. Claro que andaram uns meses nisto. Quando finalmente puseram a prensa a trabalhar, pensaram que tinham acabado os problemas.

Entre o trabalho na prensa, a produção de contentores e carros para levar o alumínio ao forno (que se faziam nas oficinas, que se situavam então no primeiro anexo do lado norte da Nave 1), o desenho das matrizes (no escritório da avenida) e a sua produção e retoques (na secção então situada onde é hoje o departamento comercial), os heróis da nossa história não tinham tempo para mais nada. Mas andavam entusiasmados, por saberem que estavam a construir algo de grande e novo, ansiosos pelo início da produção e das vendas.

Em Junho de 74 produziram o primeiro perfil extrudido pela Extrusal. Foi desenhado, ele e a matriz, que era uma tubular, pelo Sr. Rocha, tendo a matriz sido retocada pelo Sr. Moreira Dias, e o perfil tirado pelo prensista Sr. Alegria, estando na tracção e rodízios o Sr. Roque (que na altura não havia *puller*, era o tapete que puxava, como ainda hoje em alguns países). Grande momento!!! Por esse tempo, o Sr. Madail andava nas compras, O Sr. Silva tratava de manter as contas certas e o Eng. Boia procurava garantir financiamentos, resolver questões legais e coordenava de muito perto o andamento dos trabalhos, ajudando quando era preciso.

Mas, em Abril, tinha-se dado a revolução. Muita alegria, mas tempos difíceis se avizinhavam, pois continuavam-se a importar perfis de alumínio e não era fácil vender os produzidos cá. Os vencimentos, que tinham sido acordados a pensar no futuro, mal davam para viver. O Sr. Alegria, por exemplo, tinha vindo ganhar 500\$00 menos do que ganhava antes, o que representava 10% do seu vencimento de então (!) Trabalhava-se de sol a sol, sem se falar sequer em horas extraordinárias, que a aposta era no futuro. Mas, sem vendas, começava-se a desanimar.

Entretanto, e na euforia do momento, o país gastou dinheiro “à balda” e o governo teve de pôr um travão, o que se traduziu por corte às importações. Recordam-se, em consequência, as enormes filas para pôr gasolina nos carros, que eram Fiats 124, Minis, ... e a dificuldade na importação da matéria prima para a nova fábrica, que eram os billetes de liga de alumínio. Havia que conseguir, de cada vez, licenças de importação, os famosos BRIs... Felizmente, as moedas têm sempre um reverso e, garantida a importação de matéria prima, os cortes nas importações de perfis em favor da produção interna, (medida proteccionista hoje impensável, neste contexto de globalização em que vivemos), induziram as vendas, e o futuro começou a sorrir. Pouco tempo depois, os clientes tinham de “meter cunha” para ser clientes!

No Natal de 1974 fizeram a primeira festa, na secção de matrizes, junto à máquina de electroerosão, e já eram quase 10, com o Sr. Gandra na comercial e o Sr. Manuel Vieira na prensa e também o Pericão. A família estava solidificada, tinha em conjunto ultrapassado muitos obstáculos e começava a crescer...

